



TAVIRA.

A CIDADE de Tavira é das mais agradáveis povoações do Algarve pela belleza da sua situação: uma formosa ponte de cantaria e de sete arcos dá comunicação entre as duas partes em que a divide o pequeno rio Aceca: na margem direita deste fica uma vistosa praça rectangular ennobrecida pelos paços do concelho cujo frontispicio assenta sobre a bella arcada de cantaria, na qual e na praça se faz diariamente abundante mercado: n'um angulo daquella existe embutida a figura da cabeça de um homem, feita de pedra, e que a tradição diz representar o esforçado D. Paio Peres Correia, que tomou aos mouros esta cidade, reinando D. Sancho 2.º

Tavira offerece linda perspectiva a quem a contempla entrando pelo rio: para qualquer dos lados se descobrem fazendas de vinhas e arvoredos, alvejando por entre ellas os casaes branqueados, e notando-se os varios cursos dos regatos, que lhes prestam frescura e fertilidade; vêem-se na margem as marinhas, choças de pescadores, e moinhos, e á quem e alem da ponte os edificios da cidade bem caiados fazendo contraste com os seus quintaes espaçosos cheios de verdura: fecha o horisonte a serrea coberta de arvores de folhagem perenne, como alfarrobeiras, oliveiras e medronheiros, a par das figueiras, amendoeiras e cepas, que matizam a paisagem nas estações proprias, juntamente com as searas e os prados viçosos.

São duas as freguezias, comprehendendo acima de cinco mil habitantes: a de Santa Maria que fôra mesquita de mouros, benta e dedicada ao Nome da Virgem, logo immediatamente á conquista, encerra o precioso deposito dos ossos do conquistador, D. Paio, que jazem ao lado do evangelho do altar maior, sendo para ahi transportados, por sua ultima disposição, do convento de Velêz, cabeça do mestrado da Ordem de S. Thiago, onde falle-

cêra. Da parte da epistola do mesmo altar vê-se uma lapide na parede com sete cruces avermelhadas; indica o local da sepultura honorifica, que o mesmo D. Paio mandou dar aos cavalleiros, que durante a tregua pereceram traioeirmente ás mãos dos mouros, não sem venderem caras as vidas, quando confiados no armisticio sahiram de Cacella para o divertimento da caça. Foi esta perfidia a causal para o accommetimento de Tavira, que veio a cahir para sempre em mãos dos cavalleiros da fê christã. O templo de Santa Maria, não obstante os estragos do terremoto de 1755, ainda na capella-mór, que permaneceu illesa, testemunha a primitiva construcção gothica: reconstruido pelo bispo D. Francisco Gomes, ao estylo moderno, é actualmente uma igreja espaçosa de tres naves, e que recebe bastante luz. — Na parochia de S. Tiago ha para notar a capella do Sacramento em rasão das pinturas e ornato. — Na capella dos terceiros do Carmo, edificio particular da ordem, ha boas pinturas do painel do Rasquinho. Nas outras igrejas não ha que mencionar-se, á excepção de que no mui antigo convento de franciscanos os respectivos irmãos terceiros tem sua capella aformoseada com marmores pretos, extrahidos do sêro do Cavaco, vizinhanças de Tavira. O mosteiro de religiosas de S. Bernardo é situado extramuros e n'um vasto rocio, que facilita aos habitantes da cidade ameno passeio, donde se desfructa a vista de mar e da variada paisagem circumvisinba. O hospital a que chamam de S. José tem de rendimento tres contos de réis, e a casa da Misericordia perto de um conto de réis: os seus edificios não offerecem incentivos á curiosidade. — Esta cidade goza a mui apreciavel vantagem de possuir abundancia d'aguas.

Os generos produzidos pela agricultura do concelho de Tavira são em geral de boa qualidade: dá este territorio bastante vinho, que é o melhor

do Algarve, e abundancia de azeite, cujo fabrico muito importa melhorar, pois que está sendo objecto attendivel d'exportação; nos annos de boa colheita d'azeitona sahem dos 27 lagares do concelho para cima de setenta mil almudes, que não só se consomem nos outros districtos do Algarve e no baixo Alemtejo, como tambem se exportam para Gibraltar, porto que tambem daqui recebe muita e boa alfarroba, a qual é igualmente procurada por embarcações de Catalunha e da Sardenha, tendo chegado a vender-se a mil réis o sacco. Os outros generos são, amendoa, figo, rezinas, cera, mel, e feixes de canna, que se exportam para Inglaterra e Paizes-Baixos: alem destes merece especial menção a graã de carraço, ou kermes (*) tão preciosa na tinturaria e que obtem aqui bom preço, vendendo-se para Gibraltar, onde a vem tomar embarcações de Genova, Liorne, Marselha e outros portos. Este producto do nosso paiz, que não aproveitamos é como se acaba de ver tão procurado pelos estrangeiros: só no anno de 1836 se despacharam, para exportação, na alfandega de Tavira 1430 arrobas desta droga, havendo quem presume que talvez outro tanto sahisse tirado por alto.

Nos contornos da cidade ha bellas quintas, povoadas de arvoredos fructiferos; e os pomos são de excellente qualidade. Postoque o terreno crie boas searas, comtudo não são quantas eram precisas para abastecer de cereaes os habitantes do concelho, que vão buscar o supprimento de trigos ao baixo Alemtejo em retorno do azeite da propria lavra, que para essa provincia transportam.

As pescarias, assim de peixe miudo, como de atum e outro peixe grosso, foram aqui de grande monta; mas progressivamente tem chegado a muita decadencia. O porto admittia outrora navios de alto bordo, e floreceu em commercio, como póde ajuizar-se das providencias tomadas em cõrtes, e das isenções e regalias concedidas pelos nossos monarchas, que vem citadas na Corographia do Algarve pag. 367 e segg. — Na allegação que pelos annos de 1662 e 1663 fez por parte dos habitantes a Comarca de Tavira para obter feira franca no 1.º de outubro [pertencção que os de Faro impugnavam] entre os serviços provados com documentos, que se apontavam, vinham como principaes os seguintes: — «Que á custa dos moradores desta cidade, então opulenta, foi a maior parte do soccorro mandado á praça de Mazagão: e com effeito por occasião do cerco desta em 1576 e do de Arzilla em 1516 tinham elles feito assignalados serviços. — Que alli invernavam as galés de Portugal, e dalli sahiam com gente e munições a tomar ou afugentar os mouros e outros piratas que infestavam a costa. — Que soccorreram Faro, quando os inglezes lhe pozeram fogo, e obrigaram estes a embarcar, conseguindo que a cidade não fosse inteiramente incendiada. — Que Tavira em mais antigos tempos fõra tão rica e populosa que possuia mais de 70 embarcações, sem fallar nos barcos e artes de pescaria: gozava então de feira franca, isenta de muitos direitos d'alfandega, em todos os tres mezes de setembro, outubro e novembro.» — Varios e importantes privilegios, que por brevidade omitimos, lhes foram em differentes datas concedidos. — As armas da cidade constam d'uma ponte com dois castellos e um navio á vela por baixo da ponte.

(*) Vid. a respeito da gran do carraço o art.º inserto a pag. 235 do 1.º vol. deste Jornal, e o additamento a pag. 53 do 2.º

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.

VII.

SENDO, na nossa situação pelo menos, preferivel vincular os capitaes ao paiz ao deixa-los andar vagos por estranhos, ou bemfeitorizando empresas que não são nossas, e sendo o estabelecimento das fabricas um expediente aposto a recolhe-los ao gremio da nação, facilitá-lo é de bom conselho, e da mais acertada economia publica. Aspirar a produzir tudo é aspirar a um absurdo: é querer dispensar-nos absolutamente de commerciar com outras nações: e a certos respeitoes é quasi pretencção a naturalisar por meio de estufas productos exóticos e repugnantes ao clima: é violentar a natureza, não é ajudá-la da arte. Ao mesmo passo que outros productos, e outras fabricas se podem gradualmente levar á perfeição dos paizes mais industriosos, obrigando o consumidor nacional a um sacrificio temporario ou a um tributo tão util, n'este caso, como o que se lhe impõe para construir uma boa estrada. Mas este meio *indirecto* que tem por fim arredar da concurrencia no mercado nacional a alguns artefactos estrangeiros para que os do reino possam ter extracção n'elle, e a extracção possa contribuir para o progressivo adiantamento das fabricas portuguezas, é inefficaz e não produz resultados solidos e duradouros, se outros meios quaes são os instrumentos *directos* e os unicos, se póde dizer, do aperfeiçoamento industrial, o não acompanham. Não preciso mencioná-los, porque muitos de nossos fabricantes dão testemunho de que os conhecem e apreciam bem, testemunho patente em seus estabelecimentos.

Outros instrumentos ha todavia cuja formação excede as facultades dos particulares, e só cabe ou nas attribuições dos poderes politicos do Estado, ou nos recursos de que dispõe a administração central; e um d'elles são as vias de comunicação, sem as quaes é impraticavel progresso que valha e permaneça em qualquer ramo de industria; na agricultura, por os seus artigos serem os mais pesados de todos, e os mais difficeis de transportar; na industria fabril, para que aquellas de suas officinas que estão muito alongadas das grandes povoações, se approximem d'ellas pela excellencia das estradas; no commercio, por fim, que não florece senão onde as conducções são expeditissimas; o externo procurando a orla maritima; o outro os mais rapidos vehiculos do interior.

Na ordem e successão natural das industrias, é a primeira a que alimenta o homem: a caça, a pesca, o pastorear, a agricultura. A segunda a que lhe ministra commodo, vestidos, habitação, utensilios: a industria fabril. E a terceira, a que presuppõdo maior adiantamento, e já satisfeitas as necessidades mais essenciaes, procura contentar os desejos e necessidades facticias, indo buscar os productos exóticos em troca dos indigenas — o commercio externo. A historia mostra, comtudo, que causas estranhas tem invertido, mais ou menos, esta ordem, e nós mesmos somos exemplo de semelhante alteração. Mas apenas um povo sahe do estado selvagem e entra no civilisado, é completamente ocioso indagar qual industria ha-de adoptar, porque precisa de todas, e de aproveitar a cada uma em maior ou menor amplitude. A divisão da industria em

tres classes foi dictada pela conveniencia do methodo, porque as operações productivas do homem sobre a materia limitam-se, essencialmente, a duas unicas que são — *mudar-lhe a fórma, e mudá-la de logar* — fabricar, e commerciar. Na realidade a agricultura não é senão uma fabrica; e a industria não é senão fabril e commercial. Não se differencando pois da fabril a industria agricola pela natureza do trabalho que ambas exigem, que é absolutamente semelhante n'uma e n'outra, differencam-se, comtudo, pela constituição organica do homem, que tendo estomago capaz sómente de certa quantidade de alimento, producto da industria agricola, não tem ao contrario limite em seus desejos e appetites, no que pertence a commodos, a vestuario, a mobilia, a adornos, a casas de habitação, a luxo, e a quanto são artigos da outra industria a que a sciencia poz nome = *fabril*. Tendo pois um termo na *saciedade* a vontade de comer, e até a gula de Vitellio; o desejo de possuir e ostentar é infinito e *insaciavel*: phenomeno da nossa natureza, ao qual parece quiz amoldar-se a producção agricola, ou dos alimentos, sendo muito menos prolifico o seu poder que o das artes, cujos productos se multiplicam sem termo.

Esta differença porem, nascida da natureza multiplica do nosso ser, longe de tornar adversos entre si os interesses das duas industrias, torna-os mutuos e estreitamente dependentes uns dos outros; porque ao lavrador, á medida que a sua cultura prospera, sobejam mais productos, que depois de satisfeita a necessidade de nutrir-se, possa destinar ao commodo, trocando-os por artigos das artes fabris; e os fabricantes, pela sua parte, não podem multiplicar-se senão ao passo que crescem os alimentos, ou a agricultura que os gera; em quanto, por outro lado, os progressos da agricultura, e a abastança da classe occupada nos trabalhos ruraes, fornecendo, segundo advertimos, um sobejo a esta classe, asseguram com elle ás fabricas aquella freguezia e consumo que estas não dispensam. Diminuindo o consumo, diminuem os lucros que ellas dão, e faltando ou diminuindo demasiadamente, não podem as fabricas continuar. E demais da necessidade de alimentos, e de commodos, a de materias primas, que são a base dos artefactos, põem em correspondencia e intimidade os interesses das duas industrias.

Na presença de verdades tão simples e elementares como estas, ainda haverá quem se atreva a negar que um paiz como o nosso, cuja principal industria é a agricultura, precisa de fabricas para desenvolvê-la? Os principios que deixámos registados não são theorias cerebrinas, são a historia, o resultado, a expressão ultima dos factos: mas se a estes unicamente se dá credito, vamos busca-los a Inglaterra, onde acharemos, que as fabricas tem alli causado um augmento de 50 por cento á propriedade rural, como confirmam observações repetidas: tanto esta depende das fabricas. E virando o reverso á medalha mostrar-nos-ha aquelle mesmo paiz que a miseria dos fabricantes, e estagnação dos productos fabris, é devida á acanhada área da cultura, acanhada para população tão numerosa, e circumscripção pelos limites do territorio: tanto as fabricas dependem da agricultura. Se me disserem que não é á pouca extensão do solo, mas aos direitos sobre o trigo estrangeiro que os inglezes accusam da crise que os afflige; respondo que por serem insufficientes para o consumo da população os seus terre-

nos araveis é que elles querem abrir a porta ao genero dos alheios; pois se os proprios lhes bastassem os grangeariam sem recorrer aos estranhos. A sua cultura é perfeita como nenhuma no continente, e onde o céu e a terra lhe são impropicios, com quanta arte não procuram remediar esse desfavor? capitães, amanhos, methodos, machinas, tudo empregam, não lhe escapando expediente, nem poupando fadiga para tirar o maior partido que podem, do solo. E apesar de tantos esforços queixam-se de que o seu trigo lhes não chega para o consumo interno, e de que sobre ser pouco, é demasiado caro! Mas estes queixumes são uma lição para nós, uma profunda lição que não devemos perder; porque significam e demonstram que nos paizes onde ha muitas fabricas, como no seu, os productos agricolas encontram sempre no mercado domestico uma extracção prompta e facil; porque significam e demonstram que se onde as fabricas são muitas, e a agricultura pouca em proporção dellas, as primeiras se arruinam, como succede ás inglezas, pela escacez e a carestia do trigo; naquelles paizes onde a industria fabril está muito menos desenvolvida do que a agricola, e a agricola promete, pela virtude do solo, a bondade do clima, e a grande extensão das terras ainda incultas, como promete a nossa, muitos progressos ulteriores, o melhor modo de os promover é a propagação e aperfeiçoamento das fabricas nacionaes.

Se não é licito duvidar que estas concorrem eficazmente para o adiantamento da agricultura, não é menos certo que o adiantamento da agricultura contribue muito para o progresso das fabricas; e tanto, que uma das mais poderosas razões porque ellas nunca chegaram a adquirir certa consistencia e perfeição entre nós foi a escacez de cereaes que nos obrigava a tira-los em grande copia de paizes estrangeiros. Este deficit, e tão consideravel como era, no alimento, obstava á multiplicação das classes fabris, e combatia a sua industria por dois modos, cada um per si só bastante a aniquila-la; a um tempo privando em parte os artefactos nacionaes de um elemento de troca no mercado domestico tão importante como o pão, e estabelecendo á medida que elles se fossem multiplicando uma progressão permanente na baixa do seu preço, comparado com o do trigo. Similhante baixa, que seria uma vantagem quando originada dos progressos industriaes, era grave damno, tendo por origem a decadencia de uma industria, qual a agricultura. Podéra então, com verdade, dizer-se de nós — *quanto mais roupa, menos pão* — porque, de feito, quanto mais crescesse o fabrico della, tanto maior quantidade da mesma seria preciso dar por uma certa medida de trigo. Haveria lavradores mais bem vestidos; mas fabricantes esfomeados: e a miseria a que condemnariam os trabalhos das fabricas em breve as deixaria desertas.

(Continuar-se-ha.)

A. d'O. Marreca.

SEGUNDA VICTORIA DE DUARTE PACHECO.

ARDENDO o Camorim em ira e em desejos de vingança, veio segunda vez contra elrei de Cochim, no anno de 1504, com poderosa mão por mar e terra, intentando passar o rio que divide aquelle reino do de Calicut. Procurou a passagem por muitas par-

tes, para que na divisão achasse menos forte a resistencia. Sabiu-lhe Duarte Pacheco com os seus cento e cincoenta portuguezes, divididos tambem por mar e terra, e obrando proezas que excedem todo o credito, romperam os inimigos e os fizeram neste dia voltar destroçados, com perda de mais de seiscentos e cincoenta. Viu-se porem em grande aperto, porque os vassallos d'elrei de Cochim, que o acompanhavam naquella guerra, o desampararam no maior ardor do conflicto. E faltando-lhe polvora o não soccorria com ella o principe de Cochim, postoque o avisou, tendo a culpa quem levou o aviso que astuciosamente lh'o deixou de dar. Mas tudo suppriu o destemido valor e prudente resolução daquelle insigne e famosissimo heroe. Cres-

ceu no Çamorim o temor, e nas azas delle se retirou velozmente ao abrigo de um palmar, aonde cercado dos seus, os alcançou uma balla que matou nove, que juntos lhe cahiram aos pés, e pouco depois lhes sobreveio um contagio que levou seis mil. Os seus feiticeiros lhe haviam prognosticado victoria, e elle agora cheio de indignação, por se ter vencido, os mandava matar. Mas tiveram arte para lhe introduzirem outra patranha, dizendo:— que aquelles máus successos eram effeito de indignação dos seus deuses, por elle não haver satisfeito um voto que lhes fizera de edificar em seu obsequio um novo pagode. (*)

(Ann. Hist.)

(*) Vid. Vol. 5.º da 2.ª Serie do Panorama pag. 188.



OS GAMOS.

Estes formosos animaes são especie de veação mantida em parques ou tapadas, donde por vezes e n'alguns sitios fugiram indo depois propagar em mattas abertas.

O macho é armado de galhos que a femca não tem, os quaes muda annualmente; costumam cahir-lhe do meiado d'abril até principios de maio, e já em setembro estão em parte regenerados: a femca pelo commum pare pelos fins de maio ou nos primeiros dias de junho.— As caçadas de veação, principal divertimento da nobreza na idade media, tem pouco a pouco passado de moda, até na Inglaterra onde estas montarias chegaram ao auge de mania: os senhores inglezes com dispendio não pequeno alcançaram introduzir nos seus parques e por consequencia nos montes do reino-unido mais duas variedades destes animaes; uma dellas mandou Jayme 1.º buscar á Noruega, pondo-a logo na Escocia, donde se espalhou por outras partes: outra bonita casta malhada foi transportada de Bengala.

O gamo, de côr foveira, antes pardo-arruivada, na parte superior do corpo, e esbranquiçado na inferior, é mais pequeno que o veado, e tambem differe deste na armação de galhos espalma-

dos; porem na forma não ha quadrupedes mais parecidos, e comtudo são encarniçados rivaes: nunca as duas especies pastam em commum, nem cruzam as raças; parecem com poucas differenças coirmãos, tem os mesmos habitos, e não obstante a affinidade natural mantem reciprocamente inalteravel aversão. Os gamos são mais frageis e delicados que os veados, e encontram-se menos no estado selvatico, ao passo que os primeiros abundam nas florestas da Europa. Não espanta que estes animaes aborreçam a outra especie mais forte, porque associando-se de ordinario em bandos, estes entre si contendem por causa das pastagens, e cada partida tem seu guia e capitão; o combate renova-se em dias successivos até que a manada mais fraca se retire deixando os vencedores de posse do torrão disputado. A carne do gamo é mais mimosa para alguns paladares, supposto que toda a veação tenha o que chamâmos sabor ao matto, e só preste bem condimentada e em pastelões e empadas: o couro do veado convenientemente preparado é macio e muito bom cabedal para calçado.

A responsabilidade não intimida os velhaços, e dissuade dos empregos aos homens probos.

O ESTIO.

COMPARADAS com o brilho e fulgor do nosso radioso Estio todas as luzes são pallidas, todos os resplendores mortos, porque o estio é pai dos dias luminosos e dos ardentes reflexos.

Reluz-lhe o suor
Na fronte queimada;
Na face tostada
Reluz-lhe o suor.
É moço e robusto
Vivaz e fogoso;
Seu braço pod'roso
É moço e robusto...

Moço e robusto: e bem o precisa porque é rude e penosa a tarefa a cargo do nosso amigo Estio. A Primavera deixou tudo muito alegre e folgado, não ha duvida, mas a Primavera foi rapariga desejosa de agradar, que só tratou de seus enfeites e adornos sem curar do preciso. Cumpre por tanto que o Estio se encarregue de substituir os tapetes floridos por boas e proveitosas relvas — as gallas e formosos vestidos das veigas, dos bosques e dos pomares, por uteis e saborosos fructos. A Primavera é delcete que encanta. — O Estio é utilidade que aproveitada. Uma e outro são precisos na vida, que do agradável hemos mister para repouso do espirito, e do necessario para satisfação do corpo. — Se a Primavera é de mais acabada lindesa, o Estio possui mais preciosas faculdades. — Uma é joven melindrosa: outro é mancebo valente e trabalhador infatigavel. Vêde-o, vêde-o:

Doirando ampla seára da campina
Que ondea como um mar,
E quando sóbe o sol e mais se empina
Pela encosta a trepar,
Porque vá sobre o dórso pampanoso
Grato succo espremer do solo annoso,
Inunda inteira a varzea luz ardente.
Que importa? — Não descança,
Prepara ao lavrador co'a mão potente
A tímida esperança
Que irá depois, em fructos rebentando,
Seu trabalho e fadigas coroando.

E disse-me — tendes porventura visto por ahi cousa de maior e mais brilhante magnificencia do que a formosa tarde de um formoso dia de verão? — Depois de um calor abafadiço, a aragem consoladora — depois dos ardores a frescura e as saudades do pôr do sol e o suave aproximar da noite. — Nadando em oceano de chammas, desce o astro magestoso confundindo a propria face com os fulgurantes reflexos que o rodeiam até mergulhar nas ondas inflammadas. — Roxo véu franjado de ouro corre immenso por todo o occidente que se encurva sobre os montes d'alem, já meios carregados os cimos viçosos com as proximas sombras. — A esguia serra fronteira, tendo a base gigantesca enterrada já em suave penumbra, reflecte ainda no pincaro mais alto utu raiosinho extremo do sol, que nem já se vê. — E as mil cabeças do basto arvoredado meneando-se airozas a sussurrarem juntas desconhecidas harmonias. — E as despedidas da luz, tão encantadas e amorosas, á hora amena do crepusculo. — E o alegre resfollegar de todos os seres apoz oppressivo calor. — E o canto misterioso da natureza inteira que

respira folgadoamente sacudindo do manto requeimado a poeira do dia e aprestando-se a recuperar no silencio da noite a galhardia e lustre tão manchados, porque depois no alvorecer da manhaã de novo se mostre ao mundo com toda a solemnidade e pompas de rainha.

Decididamente o moço Estio alem de util trabalhador é guapo mancebo. Passemos-lhe pelas bagatellas de abafar tudo com calma, de seccar a garganta e a paciencia, e de nos tornar languidos, molles, e frouxos no trabalho; passemos-lhe ainda pelas constipações, e ardores caniculares; deixa-nos ainda que admirar e gozar. São inconvenientes; é certo. Mas que ha neste mundo que os não tenha? — O theatros tem as peças que fazem somno e os empresarios que o tiram. — As assembléas tem o enfado e os abrimentos de bóca, não fallando n'uma boa dose de cotoveladas em dias de enchente e na suave penitencia de passar toda uma noite de pé fazendo sentinella, ou de se agarrar perpetuamente á cadeira pilhada uma vez por felicidade pouco vulgar. — O somno tem os pesadellos; e o trabalho a fadiga. O prazer tem o durar pouco; e os pezares o durarem sempre de mais. Que muito que o amigo Estio tenha tambem a sua pechasinha! Incommoda pelo calor, mas alegre com o brilho de seus dias — bem vedes que isto tem de bom; e não só isto — muitas mais cousas... Não acontece o mesmo com outras deste mundo que tendo tudo máu não tem nada bom. — Ora pois façamos pazes com o bom do mancebo, e folguemos de o vermos tão desvellado a preparar-nos colheitas e vindimas, que por virem depois nem por isso lhe são menos devidas.

E a belleza de uma de suas noites tão formosas e puras neste nosso abençoado clima que mais valem por certo que todos os pallidos dias da terra estrangeira! Quantas vezes á margem do nosso Tejo amêno tereis vós contemplado a lua e o céu da noite, espelhando-se nas vagas buliçosas e quebrando-se nellas em mil differentes reflexos! Alem, a solitaria luz d'um barquinho affastado, e quasi que perdido na solidão das aguas: em frente, o alvejar suave das povoações da outra margem: distante, o monotono cantar do nauta, que acompanhado pelo accorde do sussurrar das vagas com a cantiga se allivia do trabalho: e aqui e alli ressaltando da sombra o brilhar phosphorico d'um peixe a pular ao lume d'agua. Que imaginais vós ahi mais cheio de doçura e encantos?

E que longos espaços vos tereis demorado a contemplar o suave desta scena, deixando escorregar as horas sem as sentirdes passar, embevecido na contemplação do que vieis e porventura do que não vieis — que muita vez a alma, ferida pela belleza d'um quadro presente, pinta e retrata na imaginação outro bem formoso no passado. — Se o dia traz fadigas e cançassos; a noite dar-vos-ha consolação e refrigerio; e a manhaã desenrolará diante de vossos olhos absortos o mais acabado painel que das mãos de Deus sahiu: todas as suavidades da noite com todas as pompas e resplandores do dia. Vereis as poteneias das trevas e da luz disputando o imperio do mundo. — Tereis idéas grandes e magestosas; tê-las-heis brandas e ternas. — Tereis... Ouvi:

Dorme o outeiro, dorme o valle,
Dorme a selva e dorme o prado,
Dorme inquieto o rico vil;
Dorme affeito o pobre honrado.

Pallidos astros da noite
 Tremem sósinhos no céu;
 Cobre a face do Universo
 Das trevas o denso véu.
 Eis que á banda d'Oriente
 Alva cinta as sombras corta:
 Mensageira da alvorada
 Vem ao dia abrir a porta.
 Hymno mystico se espalha
 Pelos ares perfumados:
 Accordai, vós que dormís,
 Accordai, selvas e prados.
 Chega a Aurora, a livre trança
 Dando á brisa matutina;
 Chega a Aurora e corre ao mundo
 Ampla, rosada cortina.
 E no céu negro da noite
 Estrellas já não scintillam;
 E, fugindo á luz que as vence,
 Trémulas sombras vacillam.
 Sorri toda a creatura,
 Abrindo os olhos ao dia,
 Desperta da Natureza
 A suave melodia.
 E os cabeços da montanha,
 Obliquo sol reflectindo,
 De luzes se vão c'roando,
 De raios se vão cingindo.
 Murmura o arroyo n'arêa,
 E a fonte na pedra dura,
 Murmuram no bosque as ramas,
 E a vida em tudo murmura.

A vida sim, porque todas as cousas no despertar
 acharão voz e echo, murmurarão e fallarão
 alto dos louvores deste bemaventurado Estio, que
 nos prepara para gozar o que o seu infatigavel tra-
 balho foi arrancar das entranhas da terra e pedir
 ao ar e ao sol. Abençoado pois seja o nosso Estio.

Silva Leal — Junior.

Botanica Medica.

*Descripção de varias arvores, arbustos,ervas e plan-
 tas medicinaes que existem na villa de Tété, e da
 applicação que dellas fazem os naturaes do paiz
 aos usos mechanicos da vida, e nas doencas de que
 são atacados.*

(Concluido de pag. 208.)

Cacici camuzuqua, ou escorcioneira. — Ha duas
 qualidades desta herba, uma grande, outra peque-
 na; a flôr é amarella e miuda, á proporção das fo-
 lhas, e parece-se com o açafrao do reino; o fructo
 é do tamanho d'um grão de missanga ou conta pe-
 quena; o cosimento das folhas applica-se em sua-
 doiros á cabeça para extinguir as dôres que a affe-
 ctam; a casca da raiz cosida juntamente com a raiz
 d'almeirão, e bebida, atalha a febre que se enca-
 minha a maligna; e o cosimento simples da raiz
 applica-se a febres terçaãs, e sendo junto com a
 da arvore mucorongo, ás gonorrhéas complicadas.

Cacici camuzuqua pequeno, ou escorcioneira menor.
 — Untando o corpo com o cosimento desta raiz, mis-
 turado com raspas de marfim, e cascas de laranja e
 folhas pisadas, destroe-se a febre que tiver o pa-
 ciente.

Avenca. — São bem conhecidas as qualidades e

prestimo desta herba, entretanto os negros não se
 servem della para cousa alguma.

Munhaze. — Tem as folhas oleosas e pegajosas;
 os negros servem-se da raiz para a composição do
 oleo de Fr. Pedro, que tem a propriedade de ex-
 tinguir o veneno que se introduz nas feridas feitas
 por flechas hervadas, tambem se servem da mesma
 herba para extinguir os percevejos pondo-a debaixo
 das esteiras em que dormem.

Uombue. — Esta herba tem as folhas largas como
 a abobora, mas longas e muito felpudas, cria uma
 batata muito grande, que sendo pisada e espalhada
 na alagôa mata o peixe que nella existir; o emplasto
 da raiz pisada applicado ao pleuriz extingue a
 dôr que elle produz.

Casuzumire. — É uma herba muito pequena, e co-
 mo a hortelaã; os cosimentos della tomados em ba-
 nhos são remedio para as hemorrhoides e diarrheas.

Cacumate. — Esta herba parece-se com as unhas
 do gavião quando está morto; o cosimento é appli-
 cado ás febres intermitentes, e esfalfamento: os ne-
 gros costumam deita-la nos vasos em que bebe a
 criação, pela superstição que tem, que por ser de
 folhas encolhidas, e semelhantes ás unhas do gavião,
 a criação de penna, que beber esta agua, não se-
 rá presa do milhafre, gavião, ou de qualquer ave
 de rapina.

Mudossua; figueira do inferno. — A flôr desta plan-
 ta é branca, grande, e afunilada; o fructo é como
 a papoula do amphião, com a differença de ter pi-
 cos á maneira de pepinos de S. Gregorio, e sem-
 pre fica com algumas folhas, as quaes se applicam
 inteiras como emplastos ao curativo das chagas, e
 tem a propriedade de comer toda a carne corrupta;
 das pevides da papoula extrahese oleo que combi-
 nado com qualquer liquido faz adormecer; em sum-
 ma produz os mesmos effeitos que o laudano.

Bange, é o canamo de Portugal. — Os negros, no
 tempo em que esta planta começa a seccar, colhem-
 na haste por haste, e fazem mólhos, e fumam-na
 por gurgurís, ou calianas que fabricam; e bebendo-
 se a agua por onde passa o fumo immediatamente
 provoca o vomito. Os negros sertanejos cultivam
 esta planta nas suas povoações, e ha taes, como os
 morenges, que a fumam com mistura de tabaco,
 pimenta longa, e galinhaça, de que resulta o fica-
 rem mui trémulos.

O fumo das folhas e semente, recebido nos olhos,
 curam a belida que nelles existir.

Conge. — Esta planta é a que no Brasil chamam
 =pita.= Os negros do muzexuro [sertão onde se
 tira ouro] servem-se della, isto é, dos fios, para
 fazerem pannos com que se cobrem; e os zimbas
 [povos do Zimbavé] e cafres, para fazerem rêdes de
 caça e pescaria.

Inhafoncori. — Esta planta é formada de talos ou
 hastes direitas, escamosas, e de folhas muito miu-
 das, e na consistencia parecidas com as beldroeg-
 as: ainda que esteja secca, pondo-a de infusão
 reverdece sempre que assim se pertenda.

A infusão della é applicada aos que padecem de
 peito.

Carúco-ruco. — A flôr é de côr amarello-claro, e
 pequena; o fructo é em pares, e semelhante ao da
 pânheira, depois de maduro estala, e larga uma
 penugem amarella que é uma especie de algodão,
 e ficam as duas cascas como umas colheres, d'on-
 de lhe vem o nome de carúco-ruco, que significa
 colherinhas; o pó da raiz secca ao sol é remedio
 para chagas venereas lançando-o sobre ellas, e o

cosimento da raiz tomado em bochechos é remedio para as dores de dentes.

Combe. — Esta trepadeira dá um fructo longo, do comprimento de mais de um palmo, e tem a casca rija como a amendoa, e produz em pares; o interior do fructo contém umas favas pequenas, e no intervallo dellas tem uns cabellinhos que juntos com as ditas favas, e reduzido tudo a pó, e misturado com fel de lagarto, e de cobra capelo, e baba d'herva babosa, serve para hervarem as frechas e lanças, com as quaes ferindo qualquer animal, morre em menos de meia hora por causa da subtilidade do veneno que por toda a parte se communiça, deixando negro o lugar da ferida.

Mupessa. — Parreira brava, cujas uvas são roxas, e com algum acido. O cosimento da raiz applica-se ao curativo do pleuriz, bebendo-o, e pondo no lugar da dôr a raiz cosida e molhada em vinagre; o dito cosimento tambem serve para resolver as apostemas, para quédas, para expulsar as pareas, para tirar as dores de colica, e para a gonorrhéa.

Mutubzi. — A flôr é redonda, e amarella; o fructo chato e com um feijão só; o cosimento da flôr applica-se a quem tem puxos, cursos, &c. tambem fazem delle amendoada, e a dão a beber ao doente; esta herba é de um cheiro insoffrivel.

Abutua. — A raiz desta herba rasteira, dissolvida em pólmec, dá-se a beber aos que dão quédas grandes, applicando tambem sobre as partes inflammadas o mesmo pólmec quente em emplastos.

PROVINCIA DE S. PEDRO, OU RIO GRANDE DO SUL.

3.º

O RIO Icabaguam, vulgarmente dito Camacuam, recebe pelo rumo do norte, desde a sua barra na Lagôa dos Patos, varios arroios, os quaes bem que pequenos, são comtudo abundantes, e derivados da ponta austral da referida serra do Herval; repartido porem na sua origem em dous: destes o meridional, denominado Camacuam Chico, ou pequeno, tem varias vertentes, alem das quaes enriquecem o Camacuam uma plebe d'arroios, que nelle entram da banda do sul, a saber o das Palmas, o das Torrinhas, o grande de St.º Antonio, o do Camargo, o das Pedras, o Carahá, &c. Tanto este rio, que atravessa do poente para o nascente pela espaçosa faxa de campo entre as duas isoladas serras do Herval e dos Tapes, como o Jacuí, são os principaes alimentadores da mesma Lagôa dos Patos, que recebe ainda pela margem occidental as aguas de varios outros, que borbulham das referidas duas serras do Herval e dos Tapes, até o rio de Pelotas, o qual descendo do interior da segunda, desagua já dentro da embocadura septentrional do sangradouro da lagôa Merim, appellidado tambem rio de S. Gonçalo; neste se escoa pelo occidente o arroio do Pavão, que traz sua origem do extremo meridional da referida serra dos Tapes. Segue-se o rio Piratini, cujas fontes no interior da campanha entestam com as do sul do mencionado Camacuam-Chico, e com as do norte do rio Jaguarão, ultimo que, perdendo-se já na lagôa Merim, fecha com o seu tronco ou galho principal as possessões portuguezas, mesmo as conquistadas a oeste da dita lagôa, que d'entre estes dois rios Piratini e Jaguarão, recolhe as aguas dos arroios

da Palma, do Chasqueiro, do Herval, dos Arrombados, dos Arrependidos, e do Juncal.

O terreno entre a costa do mar e as ditas lagôas, desde o rio Mombetuba até o Marco na latitude de 33º 42', sendo desde o principio cultivado, e o que está actualmente mais povoado, é cortado pelos rios Mombetuba e Tramandaí, os quaes da Serra geral se precipitam no mar; e pelos rios Cahi e dos Sinos, que do interior da mesma serra rolam para a lagôa do Viamão, extremo septentrional da dos Patos: naquella entra tambem o Garvataí, immediato pelo nascente ao dos Sinos, e nesta pela margem oriental desemboca o pequeno Capivari, cuja cabeceira é uma lagôa semi-circular, que tornea a fralda austral da Serra geral, de diametro de mais de legua, entre as freguezias de St.º Antonio e da Conceição do Arroio.

As aguas das duas grandes lagôas, Merim e dos Patos, encontrando-se na latitude austral de 31º e 47', formam o lago do Rio Grande, o qual estreitando-se para a barra, fica sómente de duas milhas com pouca differença na latitude sul de 32º 6', e na longitude 326º 3'½.

A lagôa dos Patos, desde a de Viamão inclusiva até a sua junção com a de Merim, tem quarenta e uma leguas de comprimento na direcção de N.N.E. S.S.O., e oito na maior largura: a de Merim, com igual direcção, tem de comprimento trinta e tres leguas e meia até o seu desagudouro ou boca meridional do rio de S. Gonçalo, e sete no seu maior bojo. Alem dos rios notados até o Jaguarão, e cuja direcção é quasi de oeste para leste, entra ainda na lagôa Merim pela margem oriental, e com semelhante curso outro rio Taquari, e seguindo o rumo de S.O. N.E. o grande Sebolati, cujos galhos occidentaes são o Parado, o Limar grande e pequeno, o Abestruz, e o de Godoi; e pelo lado oriental o Malmaragá, e finalmente o rio de S. Luiz, que se perde na mesma lagôa junto a foz do Saco de S. Miguel, que nasce dos serros de S. Miguel, em cujos fragosos picos se divisa o desmantellado forte da mesma invocação. Todo o terreno desde o Jaguarão até as origens do Sebolati, é dos questionados entre as duas nações limitrophes, e apesar disso a Hespanha os foi povoando desde 1784.

O extremo austral da lagôa Merim é o Saco, que forma o arroio de S. Miguel, o qual se deriva dos serros assim denominados. Na sua margem oriental apenas desembocam o arroio d'Elrei, que mana de uns pantanos, e o arroio Itaym ou Tahim, que é o escoamento da estreita lagôa da Mangueira ou Saquarumbó, entre a costa do mar e os campos que se estendem até a lagôa Merim.

As abas da Serra geral desde o rio Mombetuba até o Tramandaí são cingidas de pequenas e estreitas lagôas, com sangradores ou canaes de communição, por onde desaguam no Tramandaí; assim como se enfiam outras mais pequenas ao correr da costa até o insignificante arroio Chui, que entra no mar em 33º 42' 10''½, onde existe postada uma guarda brasileira desde a conquista de 1801, e dista da cidade do Rio Grande quarenta e tres leguas para o sul.

Esta provincia, por qualquer lado que se olhe, é uma das mais bellas de todo o Brasil; seu clima é geralmente agradável e tão excellente, como bem se póde avaliar pela variedade e exuberancia das suas producções; puros ares, que dão saúde; muitos rios perennais, duas grandes lagôas a humedecem; na parte superior densas e sombrias flores-

tas; tem larguissimas campinas, que se tapizam de mui graciosas pastagens; medra em rebanhos; os de gado armentio já são fóra de algarismo; abunda em fructos, e depara deleitoso entretenimento em pescarias, veação, e passarinhagem; e para dar ainda idéa mais exacta do seu temperamento, segundo as observações meteorologicas que fiz na capital, no verão o calor chegou a 87° e a 88° do thermometro de Fahrenheit, e no inverno, quando sopra o oeste, tem marcado 44° et 40° no mesmo thermometro. Providamente reinam de ordinario com força ventos, que dissipam os miasmas originados dos frequentes trasbordamentos dos numerosos rios, e exalação putrida dos pantanos. Estes ventos dominantes são o N.E. e o S.O., o primeiro dos quaes principia brando, e tornando-se mais forte, turva a atmospheria, até que desata em trovoadas e chuvas, e rondando então pelo N.O., vem a cabir em O., e S.O., que alimpam o céu. A parte septentrional ou superior do paiz é comparativamente muito mais fria. (*)

A natureza e formações do solo variam conforme as situações: a cordilheira geral do Brasil, que, segundo notámos, reparte esta provincia em duas faxas quasi iguaes; e lá onde principia a mergulhar-se no Uruguay, é encontrada por outra semelhante serra escavada, que partindo das visinhanças do Salto grande desse rio, separa de um lado aguas para o Daiman e Rio Negro, e d'outro para o Arapey e Quaraim; estas serras, e todo o territorio ao norte e oeste dellas, isto é, quasi todo o districto d'Entre Rios, de Missões, de S. Marinho, da Cruz Alta, da Vacaria, e de cima da serra, constam inteiramente de terreno basaltico. A parte meridional da provincia, subdividida em oriental e occidental pelas serras do Herval e dos Tapes, e pelo Albardão, que acompanha a margem occidental da lagôa Merim, são primitivas estas montanhas, e são de alluvião as planicies, ao nascente das grandes lagôas, e não parecem ter outra base, que o mesmo granito, e grés ou grés, de que aquellas são compostas: porem a parte occidental é de estructura mais variada. Ao poente das frondosas serras do Herval e dos Tapes, se encontra um territorio elevado, transversalmente cortado pelo rio Camacua, composto de granito, e de schisto primitivo, alternando com micas-schisto, e coberto de grés carvoeiro, entre Santa Barbara, Eneusilhada, e Caassapava: depois, de granito e grés, sustentando schisto primitivo com gabbro, schisto chloritico e talcoso, serpentina e calcareo granuloso no grupo de montes de Caassapava: finalmente de porphyrio de transição, grauwake, e granito de transição, sobrepostos a schisto talcoso, e granito primitivo, e cobertos de grés carvoeiro entre Caassapava e S. Gabriel: os logares mais baixos desta subdivisão, o valle de Guaiba, o territorio banhado pelo Vacacay e pelo Santa Maria, e o valle do Jaguarão, são cobertos de uma formação secundaria, composta de argilla schistosa, calca-

(*) Por maior que fosse o meu receio de que o extenso quadro, que tenho descripto, parecesse arido e fastidioso, não julguei comtudo dever omitti-lo ás vistas calculadoras do leitor philosopho, que da configuração admiravel deste paiz, qual poderia traçar o proprio genio do commercio, presentirá as vantagens, que, em beneficio da agricultura e da industria, proporcionam os innumeraveis rios, e as duas grandes lagôas, ou antes dois Mediterraneos: á extensão e facilidade da navegação interior, e de um commercio domestico, deveu o Egypto e a China o estado florecente a que chegaram.

reo e grés: e toda a fralda meridional das serras basalticas é occupada por um grés de formação terceira, frequentemente interrompido, ora coberto ora não, de basalto.

Tão consideravel desenvolvimento de basalto e a existencia de porphyrios de transição, são phenomenos geognosticos os mais interessantes que offerece esta provincia, não constando até agora que em alguma outra parte do vastissimo Brasil se haja descoberto basalto, ou porphyrio, a ponto de duvidarem celeberrimos geognostas da existencia destas rochas a leste das Andes.

(Concluir-se-há.)

PARTE DE PORTUGAL PARA A INDIA O PRIMEIRO VICE-REI
D. FRANCISCO D'ALMEIDA.

No DIA 15 de março de 1506 partiu de Lisboa para a India o nobilissimo cavalleiro, e insigne capitão, D. Francisco d'Almeida. Assistia então em Coimbra com seu tio D. Jorge d'Almeida, bispo da mesma cidade, bem fóra de semelhantes pensamentos, quando o nomeou elrei D. Manuel vice-rei daquelle estado, pela fama notoria do seu valor, e disciplina militar, e pelo illustre nome que alcançára nas guerras e conquistas de Granada, em serviço dos reis catholicos, a que se ajuntavam outras muitas prendas e virtudes que nelle resplandeciam com singular luzimento, quaes eram prudencia, industria, constancia, magnanimidade, resolução, e um ardentissimo zêlo de reputação da sua pessoa, da gloria da nação, do serviço do seu principe. Levou á sua obediencia uma numerosa e poderosa armada de vinte e duas velas, em que iam, alem dos homens do mar, mil e quinhentos soldados luzidissimos, e muitos da primeira nobreza, entre os quaes sobresahia por seu grande esforço e generosos brios D. Lourenço d'Almeida, filho do mesmo D. Francisco. Foi este o primeiro vice-rei que sahio de Portugal para aquellas conquistas. Não houve quem não approvasse esta acertada eleição, e com ella se comprovou o parecer que correu geralmente de que elrei obrava com lume superior nas disposições daquelle descobrimento. Na despedida lhe fez elrei singularissimas honras, e o acompanhou até o logar do embarque com toda a nobreza, que então se achava em Lisboa, e infinito povo. (*)

(Ann. Hist.)

HA na ventura uma expansão ou dissipação que nos enerva e debilita, como na desgraça uma certa concentração que nos alenta e fortalece: na primeira pertencemos ao mundo externo, na segunda a nós mesmos solidariamente.

A IDÉA geral e instructiva d'uma vida futura é argumento irrefragavel de sua realidade: se o homem fosse um animal ephemero e inteiramente mortal, não seria capaz de tão sublime pensamento nem de esperanças tão transcendentis: nossa vida se verifica porque a concebemos.

O UNIVERSO natural e concreto é obra de Deus, o mundo abstracto criação dos homens e origem dos seus maiores erros.

O SR. MARQUEZ DE MARICÁ. — *Maximas.*

(*) Vid. a respeito deste valoroso capitão a pag. 182 do 4.º vol. da Serie 1.ª